

23 FEV 1997 23 FEV 1997

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

Senado FM, o desatino no ar

“**A** acabamos de ouvir com Elis Regina e Tom Jobim, *Cercovado*”, anuncia o locutor da rádio Senado FM 91.7 em transmissão via satélite para todo o Brasil. E o pobre do ouvinte que acabara de escutar Elis e Tom cantando *Águas de março* fica assim meio sem saber se lhe falha a memória ou a audição.

Terá, porém, certeza de que o problema não é seu quando seis minutos depois Chico Buarque de Holanda finaliza *Bye, Bye, Brasil* e o mesmo locutor informa: “Acabamos de ouvir com Chico Buarque, dele próprio, *Vai levando*”.

Entre uma música e outra, a hora certa é dada com quatro minutos de atraso durante uma manhã inteira (a da última sexta-feira) e, pela quarta vez em meia hora, o noticiário informa que o senador Mauro Miranda acha que a reforma administrativa é um dos assuntos mais importantes em tramitação no Congresso. E tem mais: o presidente da Casa, senador Antônio Carlos Magalhães, diz que cumprirá à risca o regimento interno nas sessões do Senado.

Nessa altura, o ouvinte já não estranharia se a Rádio Senado levasse ao ar a notícia de que ACM anunciou que se pautaria pelo descumprimento contumaz do regimento, tal a sorte de desatinos que a emissora inaugurada há menos de um mês anda cometendo via satélite.

A programação musical é pura excelência. Música brasileira de qualidade incontestável, com o luxo adicional de divulgar raridades como gravações de Cartola falando sobre Carlos Cachça, um dueto de Ney Matogrosso com Raimundo Fagner ou Vinícius de Moraes e Toquinho cantando — com licença — *Dora*, de Caymmi.

Como é uma estação pública, a FM não tem propaganda, não busca audiência de massa, não fica, portanto, submetida à ditadura das gravadoras e paradas de sucesso. Sendo assim, os tímpanos dos ouvintes da 91.7 ficam livres dos porno-sambas que assolam as rádios comerciais.

Até aí, tudo certo. Mesmo porque não firmamos aqui ao lado dos que questionam a existência de um sistema de comunicação próprio do Legislativo. Quanto mais se divulgar o que se passa lá por dentro do poder representativo da sociedade, melhor. Os gastos excessivos e eventuais empreguismos resultantes daí devem ser denunciados, tratados como anomalias e corrigidos. A existência desses canais entre o cidadão e o Parlamento é absolutamente defensável,

mas desde que funcionem direito.

Definitivamente, não é o caso da Senado FM, que, entre outros defeitos, peca pela completa desatualização e falta de intimidade de seus produtores e apresentadores com o veículo que estão lidando. O modelo é o seguinte: uma música, hora certa (?), uma notícia curta sobre as atividades no Senado ou previsão do tempo, e música outra vez.

Seria até formal se não fosse cômico. Com a voz empoadada, a título de impostação, entra um locutor — aliás, o plantel da rádio garantiria emprego pleno à categoria dos fonoaudiólogos — e solta o slogan: “Senado FM, o Legislativo e você.” É possível?

Assim como não é possível o noticiário (?) repetir de hora em hora, durante três dias, que a senadora Emília Fernandes acha que o governo deve dar mais atenção às crianças do Nordeste. Ou que o senador Jairo Carneiro apresentou um projeto sobre tomates vitaminados. Nada contra tomates vitaminados, mas qual é a utilidade dessa informação?

Da mesma forma, não há a menor necessidade de repetir cinco vezes em duas horas que o senador José Fogaça acha ótima a ampliação da banda cambial. O suplício deu-se na quinta-feira.

Na mesma manhã em que uma espetacular gravação de Leo Gandelmann tocando *Cais* teve de conviver com o vazamento de som do estúdio onde o locutor repetia: “Alô, alô, som, som...” É tão inusitado que quem ouve acaba achando que pode ser um charme de Gandelmann.

Não era não. De tarde, a mesma música entrou já livre da falha técnica. Mas que tarde. Na programação devia estar um grande amigo do senador Mauro Miranda, pois de novo lá estava ele a apoiar a reforma administrativa dezenas de vezes.

Mas quem resistiu não perdeu por esperar. Logo acrescentou ao seu patrimônio cultural a informação de que o senador Waldir Campelo tem um projeto que beneficiará as promoções de carreira dos taifeiros. Com 81 senadores e assuntos de efetiva importância em tramitação, não é improvável que haja algo de mais relevante para noticiar.

Ou então, deve estar pensando o leitor, que não se noticie nada. Às vezes acontece. Há intervalos em que a notícia (?) é substituída pelos serviços. É o caso da previsão do tempo. Mas nem ela escapa. O locutor (sempre ele) anuncia o meteorologista Manoel das quantas. E aí o Manoel fica numa situação estranhíssima perante os amigos, porque entra uma mulher dizendo que a tarde será nublada em Brasília.

Agora, Justiça se faça ao apresentador da manhã: ele não é egoísta e divide o estrelato com o operador de som Ricardo Cruz. Pois é o moço assumir o posto na técnica e o locutor tasca lá bem no meio da música: “Bom-dia, Ricardo!” Na seqüência seguinte, cuida de informar nome e sobrenome do colega.

E é com essa mesma simpatia interativa que o rapaz saúda o ouvinte a intervalos esparsos: “Para você que está chegando agora nesta frequência, são 11h40.” Só se fosse no Senado, porque em Brasília eram exatamente 11h44.

É bom que existam canais de comunicação entre o cidadão e o Congresso. Desde que funcionem direito